





## Política de Bastidores



**D**ECIDIDAMENTE, os bastidores da politica cederam o seu lugar á politica de bastidores.

As atten.ões, desviadas do parlamento, convergiram ansiosamente para o Theatro.

A *marotte* da Comédia substituiu a campainha do Presidente.

A ninguem já interessa a resolução do momento politico. Mas todos perguntam em que fica a questão thea-

tral.

Já não importa ao mundo que o sr. Soveral perfume galantemente as suas mãos para escrever um discurso politico. O que se quer saber é quem será o futuro Gerente do Theatro de D. Maria.

O regimen de rotação Posser-Ferreira da Silva, analogo ao movimento de rotação constitucional Hintze-Luciano, já não offerece garantias. Está desacreditado.

O extra-partidarismo levanta-se com os salvadores.

Schwalbach, especie de Julio de Vilhena da situação theatral, prega a *Vida Nova* na politica de bastidores.

Abel Botelho, officinando de pontifical, defende os rotativos.

Os animos exaltam-se. A questão theatral resulta n'um duello. Abel Botelho é ferido com um golpe na testa.

Ora um golpe de sabre dado pelo Schwalbach é positivamente o que se chama um golpe... de theatro!



D'antes, no Theatro de D. Maria, os actores andavam em comboio correo: havia 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, e 3.<sup>a</sup> classe.

Depois, por inspiração do sr. Souza Monteiro, passaram com as ultimas modificações do decreto, a andar em comboio expresso: só 1.<sup>a</sup>, e 2.<sup>a</sup> classe, e *coupé leito*, para os artistas de merito dormirem á sombra dos louros.

Logo o S. Luiz de Braga, com os dedos a tamborilar e a calva a replandecer:

—Pois eu cá, era outra *questão*! Fazia d'aquillo immediatamente um comboio... de mercadorias!



Entretanto, os jornaes, a proposito do habito da actriz Virginia, disputam acerca dos habitos das atrizes Rosa Damasceno e Lucinda Simões.

Como nos parece indelicadeza tudo quanto seja inquerir dos bons ou maus habitos de cada um, especialmente tratando-se de tres illustres senhoras, nós lembramos o seguinte:

Dê-se o habito de São Thiago ás tres grandes atrizes mencionadas, e deixem-se, para as outras, os habitos... menores.

Porque a verdade é que era assim que nós todos gostavamos de as vêr, ás —outras...



O que d'esta embrulhada de theatro se depreheende, é que estão todos a pintar-se para matar o mais depréssa possivel D. Maria.

E o que nós custa é que não ha de ter ninguem que lhe vá ás borlas do caixão, uma illustre matrona que deu tantas borlas!

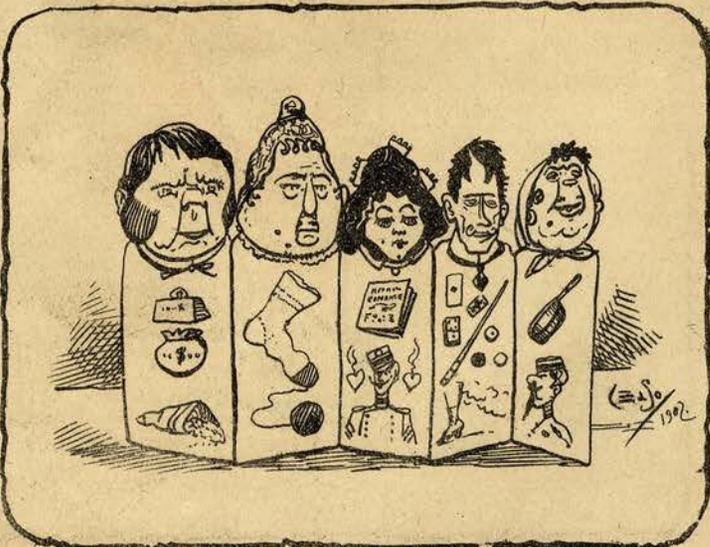
## O EMPATA

*Monteiro (José de Sousa)*  
Quando faz alguma coisa  
Faz logo uma carrapata...  
Não socéga, não repousa,  
Perturba, tem mala pata,  
Desarranja, desbarata...  
Não é o José de Sousa,  
É o Empata!

*Empata na Academia,*  
No Theatro D. Maria,  
Tudo empata, tudo addia,  
Nunca ata nem desata...  
E enquanto a gente se mata  
Vae empatando á porfia...  
Por isso nunca têm acta  
As sessões da Academia!  
Toda a noite e todo o dia,  
Torce, desmancha, arvelia...  
É o Empata!

*Elle não come, é de crér;*  
Mas o Empata do que trata  
É de não deixar comer...  
No Theatro lá está o Empata!  
Tudo empata onde estiver!  
Secretario, diplomata,  
Empatar é o que elle quer...  
Não é homem nem mulher,  
Não é nada, - é o Empata!

## MOBILARIO SYMBOLICO



Biombo para casa de família de tratamento—pelas pilulas Pink.

# Vivinha a saltar!

Contava ha dias um jornal ás gentes pas-madas um acto de generosidade praticado pelo sr. infante D. Affonso que é digno de registo não só pela bizzarria do principe co. mo tambem, e muito especialmente, por uma circumstancia muito patusca.

Aqui ha tempos um dos transatlanticos que a companhia de Santo Amaro tem a es-foguetear por essa Lisboa, foi de encontro a uma carroça, na rua 24 de Julho, fel-a em cavacas e ao conductor fel-o n'um bolo. Ficou tudo coisa rica para tomar com um bu-lesinho de chá.

O povinho desatou n'uma gritaria indigna-dissima contra a companhia dos electricos e quiz logo alli linchar o pessoal do carro, co-mo em circumstancias analogos costuma proceder o seu presado collega dos Estados Unidos.

N'isto chega o sr. infante D. Affonso que vinha no seu maximbombo—oh pi. troline!

—apeia-se, ouvindo gritar :

—Mais um atropelamento! grande pouca-vergonha!

Sua alteza serenissima esteve quasi a per-der a serenidade, com isisima e tudo, e ex-clamou :

— Não fui eu! Não fui eu!

— Bem sabemos, meu senhor! Bem sa-bemos! Foram estes malvados. Mas esperamos que o sr. condestavel fará favor de defender a causa do opprimido contra o oppresor — a causa da carroça contra o electrico.

— Bem, soceguem! aconselhou o sr. in-fante. Prometto-lhes que a companhia ha-de pagar o prejuizo causado.

— Viva o sr. Infante! Viva!

Sua alteza saltou novamente para o seu candieiro de petroleo, arranjou a torcida e elle ahi vae nas horas de estalar pelo Aterro:

— Arreda! Arreda!

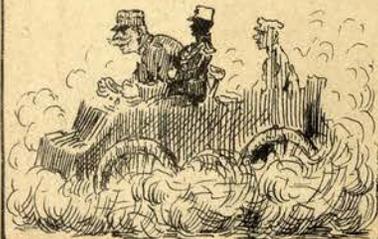
Mas sua alteza vinha visivelmente incomo-dado. A certa altura virou-se para o seu ajudante, major Albuquerque e disse :

—Mas que pouca-vergonha! A companhia não tinha o direito de atropelar a carroça. Eu é que a vi muito primeiro e já ia com a minha figgada. Mas que pouca-vergonha! Ha-de pagar caro o atrevimento!—Arreda! Arreda!

E sua alteza atropelou vinte e cinco pes-soas que estavam a conversar no largo do Corpo Santo.

— Marca lá 25, oh Albuquerque.

— Já cá estão á preta, meu senhor.



Passaram dias sobre os ultimos aconteci-mentos da veridica historia que estamos contando.

A companhia dos electricos que não toma nada a respeito de desembolsar vintem, ne-gou-se a pagar a carroça e o concerto do carroceiro, que está agora todo em mogno, como novo.

Elle sabe em que paiz vive e os inglezes não são homens que vão de encontro ás pra-xes da terra onde se estabelecem.

Levaram a coisa tanto á risca que nem sequer chegaram a mandar um Carrilho ao homem da carroça para estabelecer bazes de convenio.

Não pagou, eis a questão.

Carroça no is money! — como diz o sr. marquez de Soveral.

Bom. O homem da carroça vae dar a sua passeata até á Ajuda. Encontra-se com o sr. infante e declara-se-lhe :



— Saberá Vossa Alteza que eu sou aquelle gajo da carroça.

— Ah, sim! Então você já está bom?

— Na prumada! Capaz de outra! Se vos-sa alteza quer experimentar, eu vou buscar a carroça n'um instante e ponho-me alli em baixo á esquina. Vossa alteza fica aqui, e quando eu gritar — E já! — vossa alteza es-evita a manica e atira-m'a p'ra cima.

— Não posso, respondeu o sr. infante. Es-tou hoje comprometido com outra victima.

— Bem. N'esse caso são só 68.000 réis.

— Só 68.000 réis? Mas de quê?!

— Da avaria do outro dia. A companhia não pagou e vossa Alteza prometeu...

— Bom, bem, tome lá o dinheiro. (Mono-logando enquanto procura notas na cartei-ra) Tambem é a primeira vez que pago os estragos d'um atropelamento feito... pelos outros!



N'um logarejo proximo de Lisboa cahiu ha dias um raio, quando foi das trovoadas.

O raio fez judiarias na egreja parochial e uma d'ellas foi assombrar duas gallinhas do prior que estavam no adro a fazer o mez de Maria, muito contentes da sua vida.

O prior resignou-se com os designios da divina Providencia e resolveu suffragar as almas das duas, comendo-as solememente n'uma jantarada de pontifical, para a qual convidou a melhor gente da terra.

— A' mesa disse sua reverendissima ao mestre-escola :

— Saberá, seu Soares, que estas foram as duas gallinhas assombradas pelo raio...

E o outro :

— Pois olhe, eu tenho comido gallinha de muita maneira : cozida, guisada, assada... Mas assombrada é a primeira vez!

E como a face não entrasse com as galli-nhas e não houvesse meio de as trincar continuou :

— Olhe, o qué ellas precisavam era outro raio... que as partisse!



Em Santarem escangalhou-se de uma vez o S. Jorge que lá havia. E mandaram fazer outro de um grande matacão de gingeira, que ficou de uma peça só, magnifico para resistir a batalhas.

Ora na quinta feira passada, quando o santo era processionalmente levado pelas ruas da historica cidade, houve um popular que não tirou o chapéu.

Borborinho, chinfrim.

— Porque não tira você o chapéu ao san-to?

— Quaes santo? Aquelle? Hom'essa! Aquelle conheço eu... de gingeira!



Falla-se de um grande pelintra, sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, uma d'es-tas creaturas que andam a cair de bocca aos cães e não têm onde cair mortas, o qual pe-lintra vae contrahir matrimonio com uma senhora muito rica.

— Então F. casa se?

— Casa-se? Ora essa! Casa-se, cáma-se e mêza-se!



# EM FACE DO NORMAL



**A MARIA:** — O' Seu Zé, quem vem a ser esses Gárretis e Gis Bicentes de que falam os papeis?  
**O ZÉ:** — Se calhar, são também gajos do Convenio. Fale-me você do Bombita-Chico e do Calabaça, que são cá os meus Gis e os meus Garretís e eu talvez lhe responda'!



## GENERO INFIMO

A Associação dos Jornalistas de Lisboa fez distribuir por todo o paiz um importante questionario sobre se o ensino elementar deve ser livre ou obrigatorio. E formula doze perguntas.

Uma d'essas perguntas é esta:

— Deve ser prohibido o casamento a todo o individuo que não souber ler nem escrever ou só ás mulheres?

A resposta, está a sair-nos dos bicos da penna: só ás mulheres. Menina que não souber ler não casa.

Apenas concedemos algumas ligeiras atenuantes a esta idéa de regra absoluta.

Assim, toda a menina que queira ter um namoro, da janela para a rua, terá de começar por conhecer o alfabeto.

No dia em que souber distinguir as consoantes das vogaes e as vogaes das consoantes, mas só nesse dia, pôde chegar á escada, mas sem abrir a cancela.

Só poderá abrir a cancela quando souber soletrar.

Em começando a junta, as syllabas poderão dar o primeiro beijo.

E em começando a juntar as palavras poderão ser pedida.

Mas a lei, chegadas as coisas a este ponto, terá de ser rigorosa, de modo a impedir que a menina case enquanto não se provar que sabe ler por cima.

A Associação dos Jornalistas vae mais longe no seu questionario, parecendo querer que, pela prohibição do casamento ás mulheres que não souberem ler, se chegue a preparar a futura maternisação do ensino elementar. Tambem assim o entendemos nós.

Mas como chegar a essa perfeição? perguntar-se-ha.

Prohibindo á mulher o conceber?

Não, mil vezes não! Mas prohibindo-a de dar á luz, enquanto não tiver sido aprovada no seu exame para o magisterio.

Foi assim que Carlos XI fez os filhos da Suecia, e que o Carlos Malheiro Dias fez o *Filho das Hervas*.

Um dos actores que se despediram do Theatro D. Maria declara a alguns amigos, á porta do Suizzo:

— Sahi d'ali por estar farto de intrigas e calumnias á boca pequena.

— E agora? pergunta-lhe um dos amigos.

— Vou para o D. Amelia.

— Ah, sim... Vaes estar mais á vontade.

A boca lá é muito maior.

Referia-se o amigo á boca de scena.

Para que se faça uma idéa da seriedade com que alguns criticos estrangeiros se occupam da nossa litteratura e dos nossos homens de letras, citaremos um caso que neste momento se nos depara na revista intitulada *Alcool e Mercurio de França*, que se publica em Paris e onde o illustre critico P. de Nône faz um estudo comparativo dos nossos velhos poetas e dos nossos poetas novos.

P. de Nône mistura aihos com bugalhos, transtorna nomes de pessoas e titulos de obras, faz uma embrulhada, e querendo estabelecer paralelo entre João de Lemos, o poeta das *Folhas Caidas*, e Adolpho Portella, o poeta das *Madre silvas*, chama a João de Lemos o poeta das *Folhas de Silva* e a Adolpho Portella o das *Madres Caidas*.

Antes de ser apresentado ao publico na praça do Campo Pequeno, o celebre e prodigioso touro *Capirote* foi exhibido numa lide especial para a imprensa.

No fim, alguns jornalistas saltaram á praça e fizeram-lhe uma péga. Eram o Arthur de Mello pelo *Seculo*, o Albino Sarmento pelo *Diario de Noticias*, o Mello Barreto pelas *Novidades*, o Mendonça e Costa pela *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, o Branco Rodrigues pelo *Jornal dos Cegos*.

Mas o *Capirote*, sentindo-se agarrado, entrou a correr e a pinotear como um doído, obrigando os nossos collegas da imprensa a extraordinarias evoluções. Quando o largaram, vencidos, todos elles suavam em bica. E então o Mendonça e Costa, que agarrara o *Capirote* pela cauda, ensoopava o lenço na testa e dizia:

— Pois senhores, fiquei como uma sopa de rabo de boi!

Dois janotas das Letras, realisando cada qual o typo de janota que o Snr. Conde de Arnos pintou, com preciosas tintas, em um artigo do *Primeiro de Janeiro* acerca de Garrett, encontraram-se á porta do Turf.

— Lêste o artigo do Arnos? pergunta um d'elles ao outro.

— Li, e gostei. Aquillo que elle diz é bem verdade. Os maltrapilhos das Letras não nos perdoam o corte irreprehensivel da sobrecasaca, nem a cava justa da calça, nem a perola que nos morde o laço da gravata...

E depois, mudando de conversa:

— Lêste a *Paixão da Maria do Céu*?

— Li. Gostei. O rapaz tem talento.

— E tu, agora, tens alguma obra em preparação?

— Sim... Tenho...

— No Férin?

— Não. No Nanes Corrêa. Um fato de cavieite inglez, magnifico, ás riscas.

O OUTRO EU,

## Cumulos

Do **sapateiro** — remendar sapatos de defunto.

Do **jardineiro** — mondar a planta da cidade.

Do **ferreiro** — limar as chaves do Ceu.

Do **banqueiro** — embolsar um conto de fadas.

Do **marinheiro** — apanhar uma tempestade no Oceano Pacifico.

Do **callnico** — os homens não se devem casar; as mulheres, sim!

Do **pedreiro** — demolir as obras de misericordia.

Do **alfayate** — embainhar espadas.

Do **soldado** — Resistir ao fogo das batalhas sem se derreter.

## O SANTO ANTONIO NA RUA



— Só cincoreisinhos pr'o Santo Antonio! Dê, meu senhor, dê!

## O homem esverdeado!

ou a Porta Mysteriosa do segredo dos Thesouros dos  
subterraneos do Castello Maldito  
Grande romance historico

(Tradução á letra miudinha do notavel escriptor M. Gustavo)

SEGUNDA PARTE

## O SEGREDO D'ALEM-TUMBA

OU

«Sim sim, o vicio é sempre castigado»

CAPITULO II

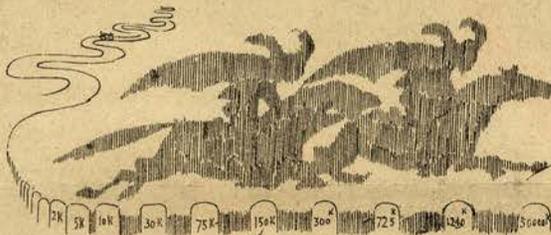
Na pista

— Não se pôde fazer uma pequena ideia do meu grande desespero. Debalde corri como um louco através de todos aquelles salões, onde se passava a festa, que me parecia então ser um insulto para a minha dôr.

Olhei não vi ninguém. Chamei ninguém me respondeu. Oh! Anjos da minha alma! que será feito de vós? Mortas talvez? Quem sabe? Oh! não, não! Seria horrivel de mais! Mas uma voz cá de dentro dizia-me que ellas tinham sido simplesmente raptadas... No emtanto, eu sentia-me immensamente infeliz...

N'este momento, o joven conde parou um instante, para deixar cahir algumas lagrimas no Grosskollossalbach e proseguiu, visivelmente alliviado:

— Em vão, em companhia do Papá Pichonet, eu as procurei durante algumas semanas em toda a cidade, arredores e na provincia. Que me restava pois fazer? Procural-as no extrangeiro. Não hesitei e foi então, que eu fui ter contigo, meu caro Kelbourouet. Lembras-te que



rebetamos os dois trez cavallos e que só no quarto dia de manhã nos achámos á beira do Rheno?

Procurando qual o caminho a seguir, erravamos nós, entre Bale e Strasburgo, quando lobrigámos uma especie de bola branca, que impellida pela brisa, corria rapidamente ao de cima d'agua.

Fizemos anzol das nossas espadas e com uma habilidade que daria honra á propria princeza de Linha, pescámos esse mysterioso objecto, que puzemos a seccar ao sol, para depois o observarmos detidamente.

Era, nem mais nem menos, do que um lenço de fino linho, no qual tinham feito, com um alfinete, uns buraquinhos, que pareciam letras.

Anciosamente mas com algum custo lemos o seguinte:

### RAPARIGA

de bonitos cabellos louros, deseja unir-se com rapaz amavel e bem comportado, que se interesse por ella e traga boas informações. Dirigir-se a Angela, Castello Maldicto, Grosskollossalbach.

«Victoria!» gritámos nós. Já que o ceu nos ajuda avancemos sem tardar para o Grosskollossalbach.

Estavamos, por fim, na boa pista, mas em breve iam ter uma nova e decisiva prova.

Corriamos, pensativos á beira d'esse caudaloso rio, quando vimos boiando perto da margem, um segundo objecto branco, muito semelhante ao primeiro. Apanhal-o e tel-o, foi obra d'um momento. Dizia assim:

### RAFAZ

precisa-se d'um, desinteressado, que venha salvar uma menina bonita e elegante, mas engaiolada. Dirigir-se a Dolores, Castello Maldicto, Grosskollossalbach. Dão-se boas abonações.

Agora, concluiu Arthur de Boisflotté, eis nos finalmente na garganta das Sete-Fontes-do Diabo, á distancia d'um tiro de espingarda do terrivel Castello Maldicto. Que fazer?

Arthur poz-se de pé, voltou-se para a rocha e com um gesto sublime de grandezza, assim fallou:

— Respondei-me vós, oh! echos da montanha! N'esta coisa em que está em jogo a honra de duas meninas, n'esta scena em que dois homens tem que luctar contra um numero incerto de bandidos sem fé e cobardes assassinos, que será preciso, fazer para se ser vencedor?

Fielmente, o echo respondeu:

— Dôr.

E os dois gentishomens sentiram os seus respectivos corações invadidos por um sinistro pressentimento.

(Continua.)



### BIBLIOGRAPHIA

Suave Milagre, pelos Srs. Conde de Arno-  
so e Alberto de Oliveira.

Recebemos e agradecemos cordealissima-  
mente, o lindo mysterio dos Srs. Conde de  
Arno-so e Alberto de Oliveira— *Suave Mila-  
gre*, agora editado pela Livraria Ferin num  
precioso volume.

Quando a peça subiu á scena no Theatro  
de D. Maria II, este jornal abriu um paren-  
thesis no seu riso de todos os dias para fe-  
licitar os illustres homens de letras, e espe-  
cialmente o Sr. Conde de Arno-so, cujo pie-  
doso culto pela memoria d'Eça tão provei-  
tosamente floriu numa obra d'Arte.

Agora, que a peça teve a sua consagração  
editorial, renovamos as nossas felicitações,  
desejando ao *Suave Milagre* um exito de  
livraria semelhante ao exito que alcançou  
na scena do nosso primeiro theatro.

**THEATRO PRINCEPE  
REAL**  
HOJE  
RECITA DO ACTOR  
VERDIAL

A 1.ª REPRESENTAÇÃO  
DO DRAMA HISTÓRICO  
PORTUGUEZ, EXTRAMIDO  
DO ROMANCE A FILHA DO REGICIDA  
DE CAMILLO C. BRANCO POR EÇA LEAL  
O CUTELEIRO DE GUIMARÃES

Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa  
de fabrico e  
concertos

**FLORINDO**

Jóias

com brilhantes

Preços limitadíssimos

99, RUA AUREA, 99

**MENÉRES & C.ª**

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do  
Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sa-  
nidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portu-  
gueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

A CAPA D' "A PARODIA,"

Para o 1.º e 2.º volume

Preço 700 réis cada

# O GALLO DO "DIA,"

*L'écume c'est un art de réconciliation.*

JEAN LOUIS.



Por sua dama!  
Por D. Maria!

Grande final d'acta... Tout est bien qui finit bien.